

ERIC LANDOWSKI

PRÉSENCES DE L'AUTRE. ESSAIS DE SOCIO-SÉMIOTIQUE II. Paris: Presses Universitaires de France (PUF), 1998, 256 pp.

SEMIÓTICA E PRESENÇA

O livro *Présences de l'Autre*, de Eric Landowski, é exemplar dos novos rumos que a semiótica discursiva vem tomando desde que passou a se preocupar com uma dimensão mais sensível do sentido e, no limite, com a própria discussão do estatuto de um sentido que se dá antes mesmo de sua representação. Esse livro de Landowski de 1997 está organizado em torno de duas grandes problemáticas que a descrição dessa *presença*, já anunciada poeticamente no título, recobre. Por um lado, Landowski ocupa-se das “presenças” do Outro e de como estas determinam (através da construção de figuras, individuais ou coletivas, como o “esnobe”, o “dandy”, o “urso”, o “camaleão”) as formas de identidade do próprio sujeito. O que está em pauta é, em outro momento, as formas de alteridade construídas entre sujeitos e seus modos de articulação (exclusão, assimilação, admissão, segregação). Através da semiotização de variados discursos e práticas sociais, que vão das formas de popularidade dos homens públicos à instauração de “modos de ser” através da moda, Landowski preocupa-se, enfim, com as relações intersubjetivas e intra-subjetivas, focando sua análise sobre a práxis enunciativa capaz de ressemantizá-las. Essa preocupação culmina, por outro lado, com a problematização daqueles momentos fugazes nos quais o contato mes-

mo do sujeito com o objeto se impõe e faz sentido por si só, ou, em outros termos, com a descrição de um regime de sentido da ordem do contato, que se dá tão somente na co-presença dos actantes sujeito e objeto; uma interação criadora de sentido em si mesma. Trata-se, enfim, do reconhecimento de um sentido cuja particularidade é justamente a de ser sentido nesse contato imediato entre sujeito e objeto: portanto, um sentido *sentido*; um sentido que se dá, em um termo, como *presença*. Esta outra noção de *presença* é, entre tantas, a contribuição que gostaria de destacar nesse livro pela influência que poderá vir a ter nos rumos da própria semiótica.

Tal como proposta por Landowski, essa *presença* designa o modo como naquilo que um sujeito, somática e sensorialmente, sente (através da visão, da audição, do tato, etc.) já há um sentido que só se constitui como tal no momento mesmo em que se dá esta apreensão sensível do objeto. Rompe-se aqui com a forma dicotômica com que costumamos nos relacionar com o mundo — “uma por meio dos sentidos, mas sem sentido, e a outra *com* sentido, mas além dos sentidos” —, reconhecendo-se a emergência desse sentido que emerge dos vínculos diretos que cada um tece com o mundo que o rodeia (mundo que se deixa apreender como uma configuração sensível imediatamente carregada de sentido); um sentido entretecido naquilo que

os nossos sentidos por si sós nos permitem apreender. É do modo então como se constrói essa *presença* que Landowski vai se ocupar semiotizando, nos sete ensaios que compõem o livro, experiências cotidianas que vão do recebimento de uma carta às impressões do viajante que sobrevoa num avião seu próximo destino; dos encontros rotineiros na praça pública, café ou teatro às nossas relações com cenas de rua, com fotos publicitárias, com a midiática do político. Ao fazê-lo, o que Landowski tenta nos mostrar é que as nossas próprias vivências podem ser tratadas como uma outra dimensão do sentido e é dela que cabe agora à própria semiótica se ocupar como um novo desafio, ainda que, provisoriamente, apenas sobre a forma de um outro *olhar*. Um olhar que nos permite, no entanto, antes mesmo de uma formulação metodológica mais acabada, tentar analisar, numa perspectiva complementar à semiótica narrativa, determinados textos que esta nunca enfrentou até mesmo pela dificuldade de reconhecê-los como tal em função do seu caráter “vivo” e em movimento, por só existirem na forma de um *se fazendo*, por se darem, enfim, *em ato*. O que a proposta de Eric Landowski traz de mais original é exatamente essa possibilidade de entendermos, a partir da descrição dessa *presença*, o estatuto de textos que se definem como tal na emergência de um ato; textos que consistem justo nesse próprio contato, imediato e irrepetível, do sujeito com um objeto num tipo de situação que não apenas *atualiza* uma relação por meio da qual se produz uma significação qual-

quer (a conversação interpessoal, por exemplo), mas que instaura uma relação que tem, em si mesma, um sentido “sentido” (a fruição de uma música instrumental, por exemplo).

Nessa condição, este tipo de texto precisa ser pensado como parte de uma ordem de fenômenos de cuja existência não se pode falar fora do próprio ato que os *faz ser*. A noção dessa *presença* semiótica, cuja descrição fundamenta o conjunto dos ensaios reunidos pelo *Présences de l'Autre*, está, genericamente, associada ao sentido produzido *em ato*, o que já era desde *A sociedade refletida. Em Ensaios de sociosemiótica I* Landowski (1989 [1992]) aponta uma perspectiva ao assumir a enunciação como o “ato pelo qual o sentido faz ser o sujeito semiótico”. Com isso, o autor antecipava o que veio a ser a proposta definitiva do livro seguinte: não mais um tratamento linguístico do texto, mas um tratamento de inspiração claramente fenomenológica, cujo objetivo era dar conta dos modos de interação dos sujeitos, tanto quanto dos modos de interação entre o sujeito e “mundo”. Nos capítulos “Explorações estratégicas” e “Semiótica do cotidiano”, ainda em *A sociedade refletida*, Landowski já discutia um fazer-fazer do manipulador que implicava em um complexo jogo de posições dos sujeitos envolvidos nas situações analisadas. O que estava sendo construído era, desde aí, as bases de uma tipologia dos modos como o sujeito entra em contacto *aqui e agora* com o objeto, a descrição do modo como se constrói o sentido em enunciados que evitam assumir a separação entre enun-

ciador e enunciatário, visto que é justamente desse contato direto entre eles que emerge o sentido. Este tipo de interação vem a ser melhor caracterizada por Landowski, no *Présences de l'Autre*, em um *corpus* variado de análise no qual a instância que produz o discurso não é mais caracterizada por um fazer transitivo entre enunciator e enunciatário, mas por um fazer co-presencial que se dá singularmente e a cada ato de produção. É o que ocorre, por exemplo, com o tipo de sentido que emerge entre um casal que dança: o sentido *sentido* que Landowski tenta agora descrever é dado neste dançar pelo ajustamento sensível do dois no ato mesmo em que se encontram e dançam; o sentido "vivido" que se dá neste tipo de situação já não se explica, certamente, pelo respeito às regras, pela mecânica dos movimentos ou pela própria ritualização da dança. O desafio que Landowski se coloca nesse livro, e a partir dele, passa a ser então a descrição, através da análise das mais variadas práticas *em situação*, dos modos como esse *em ato* é construído submetido ao imperativo do *aqui* e *agora* da enunciação. Entendida como um regime de sentido próprio a tudo que se dá *em ato*, a *presença* está relacionada afinal, nas palavras do próprio autor, à "uma problemática geral das relações do sujeito consigo mesmo através das modulações de sentido que ele atribui ao seu espaço-tempo".

Essa preocupação com uma dimensão mais sensível do sentido, que culmina com a descrição dessa *presença*, pode ser considerada como sendo ainda um dos legados do último livro que

Greimas publicou sozinho, o *De l'imperfection* (1987) ou, se pretendermos ser mais fiéis à história, como o fruto da pesquisa coletiva que o mestre lituano desenvolvia e que antes mesmo desse seu livro já ecoava nos escritos dos seus colaboradores, a exemplo do próprio Landowski e de Jacques Geninasca (1984). No *De l'imperfection*, após anos de dedicação à lexicologia e à narratologia, Greimas se propõe a considerar justamente estas experiências de fusão sensorial entre sujeito e objeto (estesia). Até então, o estudo das relações entre sujeito e objeto detinha-se na análise das transformações narrativas através das quais se estabelecia uma conjunção ou disjunção entre eles. A relação de junção entre estas duas instâncias determinava assim três grandes modos de existência semiótica: a *atualização*, que corresponde à transformação por meio da qual se dá a disjunção entre sujeito e objeto; a *realização* que, a partir da disjunção anterior, estabelece a conjunção entre sujeito e objeto, e a *virtualização*, que designa o sujeito e o objeto anteriores à própria junção. Por trás dessas três grandes operações está a oposição categorial presença/ausência, a partir da qual se tenta distinguir, não apenas no nível actancial, mas da própria linguagem, uma existência virtual (*in absentia*) ou atual (*in praesentia*). No clássico *Dicionário de semiótica* (1979: 198-199), o termo presença designa assim tão somente o que é da ordem do "manifesto". Relacionada ainda à preocupação com os modos pelos quais o objeto aparece para o sujeito, uma nova descrição da presença só vai aparecer na semiótica francesa,

no final dos anos 80, nos trabalhos de Eric Landowski, começando pela publicação do artigo "La lettre comme acte de présence" (1988).

Transformado agora em ensaio, com postulações bem mais maduras, este texto é um dos melhores momentos do *Présences de l'Autre*. Nele, a conceituação da *presença*, que, fiel ao estilo quase literário de Landowski, perpassa de modo fluído todos os capítulos do livro, ganha um tratamento mais categórico.

Com uma formulação bem diversa da proposta por Landowski, mas também associada ao *posto em ato*, Jacques Fontanille e Claude Zilberberg (1998) incorporam, dez anos depois da primeira versão do "La lettre comme acte de présence", a preocupação com a presença à chamada semiótica tensiva, passando a associar essa noção à formulação de categorias modais capazes de descrever o que é da ordem do perceptivo e sensível. Mas é ainda nos trabalhos de Landowski, publicados ainda antes e depois do *Présences de l'Autre*, que a semiótica do discurso *como ato* vem sendo desenvolvida como uma autêntica "poética da presença", capaz de iluminar, de modo operativo, a compreensão dos contextos intersubjetivos e interativos que se manifestam *como* e *através* dos discursos e das práticas *em situação*. Por um caminho bem próprio, no qual o próprio fazer semiótico se confunde com uma prática de vida (seu *olhar* para o mundo), Landowski colabora, ao propor essa noção de *presença*, com a abertura de mais um caminho para se compreender, sem qualquer desvio a outras disciplinas (psicologia,

sociologia, etc.), as diferentes formas de construção/manifestação da subjetividade da própria linguagem. Todo esse seu percurso teórico pode ser acompanhado não apenas através do *Présences de l'Autre*, mas também em vários artigos publicados após este livro, entre os quais destaco: "Le regard implique", "Modes de présences du visible", "Il tempo intersoggettivo: in difesa del ritardo", "De l'imperfection, e "Sobre el contagio".¹ Voltado para a problemática da presença, Landowski já possui um outro livro no prelo intitulado *Passions sans noms*. Enquanto esperamos este novo trabalho, há certamente ainda muito o que discutir a partir dos ensaios inspiradores do *Présences de l'Autre* que, no momento, está sendo reeditado em português (São Paulo: Perspectiva) e em italiano (Roma: Meltemi).

Yvana Fechine

NOTA

1. Cf. "De l'imperfection, el libro del que se habla" e "Sobre el contagio", in E. Landowski, R. Dorra e A. C. Oliveira (eds.), *Semiótica, estesis, estética*, Puebla-São Paulo, Editorial U.A.P.-Educ, 1999; "Il tempo intersoggettivo: in difesa del ritardo", in P. Basso et L. Corrain (eds.), *Eloquio del senso. Dialoghi semiotici, per Paolo Fabbri*, Milan, Costa e Nolan, 1999; "Modes de présences du visible", *Caderno de discussão do V Colóquio do Centro de Pesquisas Sociosemióticas*, São Paulo, C.P.S., 1999 (trad. ital. in L. Corrain

(éd.), *Actes du congrès de l'Association internationale de sémiotique visuelle*, Sienna, 1998); "Le regard impliqué", *Revista Lusitana*, 17-18, Lisbonne, 1998; "Pour l'habitude", *Caderno de discussão do IV Colóquio do Centro de Pesquisas Sociosemióticas*, São Paulo, C.P.S., 1998 (trad. ital. in P. Fabbri et G. Marrone (éds.), *Semiotica in nuce*, vol. II, Teoria del discorso, Rome, Meltemi, 2001).

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

FONTANILLE, J. e ZILBERBERG, C. (1998) *Tension et signification*. Liège: Mardaga, capítulo "Présence".
GENINASCA, J. (1984) "Le regard est-

hétique" in *Actes Sémiotiques* VI, 58.
GREIMAS, A. J. (1987) *De l'imperfection*. Périgueux: Pierre Fanlac Éditeur.
GREIMAS, A. J. e COURTÉS, J. (1979) *Dicionário de semiótica*, trad. port. Alceu A. Lima et alii. São Paulo: Cultrix.
LANDOWSKI, E. (1988) "La lettre comme acte de présence" in *La lettre. Approches sémiotiques* de Cl. Calame et L. Véléz-Serrano (éds.). Fribourg: Éditions Universitaires de Fribourg.
LANDOWSKI, E. (1989) *La société réfléchie. Essais de sociosémiotique*. Paris: Seuil (trad. port. *A Sociedade refletida*, São Paulo-Campinas: Educ-Pontes, 1992; trad. esp. *La sociedad figurada*, México: Fondo de Cultura Económica, 1993; trad. ital. *La Società riflessa*, Roma: Meltemi, 1999).

V. PERFILES

JEAN-MARIE FLOCH

(1942-2001)

Jean-Marie Floch faleceu no último dia 10 de abril 2001 e, após uma semana, ocorreram as cerimônias fúnebres nessa terça-feira nos arredores de Paris, onde por muitos anos viveu e, ousou dizer, sem dúvidas, que foi muito feliz com os seus familiares.

Homem sensível, humano, Floch tinha uma rara inquietude intelectual e uma dinamicidade que lhe possibilitaram, ao mesmo tempo, atuar como pesquisador, professor e consultor de comunicação e marketing, atendendo contas de renomados clientes, atividade profissional na qual fez a semiótica encontrar sua ação efetiva fora da academia, do mesmo modo como soube converter sua prática e atuação no mercado em subsídios semióticos que fizeram avançar a semiótica geral no âmbito da figuratividade, do sincretismo e das estratégias de manipulação. Ele ensinava semiótica na Fondation National des Sciences Politiques e, até 1995, animou o atelier de "Sémiotique visuelle", que fora formado em torno do "Séminaire de Sémantique générale" de A. J. Greimas na E.H.E.S.S., no final da década de sessenta. Foi Floch um dos integrantes fundadores desse núcleo de investigação coletiva, o qual coordenou por mais de trinta anos consecutivos. Sem mencionar, que durante as suas escapatórias nos Alpes, montanhês que era, ele também se dedicava à criação de imagens em desenhos e aquarelas, reservadas a poucos. Pesquisador estrangeiro integrante do Centro de Pesquisas Sociosemióticas, seus desenvolvimentos da semiótica pontuam a maioria de nossas investigações sobre o semi-simbolismo, a figuratividade, a figuratividade profunda, a semiótica sincrética, semiótica plástica e a das mídias.

Com extremo rigor conceitual e metodológico, o semioticista apaixonado pela imagem tinha interesses múltiplos que fizeram de seu pioneirismo na constituição da semiótica visual a abrangência mesmo que esse campo disciplinar tem na atualidade. Seus escritos abordam imagens da pintura (*Petites mythologies de l'œil et de l'esprit*, Paris: Hadès, 1985), da fotografia (*Les formes de l'empreinte*, Périgueux: Fanlac, 1986); das mídias (*Sémiotique, marketing et communication*, Paris: Presses Universitaires de France, 1990, "La génération d'un espace commercial", *Actes Sémiotiques-Documents*, 87, 1987), dos objetos de marcas e as marcas na sociedade de consumo (*Identités visuelles*, Paris: Presses Universitaires de France, 1995), das histórias em quadrinhos (*Une lecture de Tintin au Tibet*, Presses Universitaires de France, 1997),